

Relato do Processo de Terapia Ocupacional

AUTORA:

ALESSANDRA GONZALES MARQUES QUINTINO

Terapeuta ocupacional, especialista em saúde mental pela Escola Paulista de Medicina. Especializanda em Terapia Ocupacional em Saúde Mental no Centro de Estudos de Terapia Ocupacional.

ENDEREÇO:

Rua Corcovado, s/n entrada 25 aptº 13 CEP: 05038-040 São Paulo – SP – Brasil.

RESUMO:

Este trabalho relata uma experiência de terapia ocupacional no qual a intervenção familiar se fez necessária durante todo o processo terapêutico, propiciando assim a construção de novos caminhos tanto para a paciente como para sua família.

PALAVRAS-CHAVE:

Terapia ocupacional, trilhas associativas, setting terapêutico, intervenção familiar.

Relato do Processo de Terapia Ocupacional

Gislene, 19 anos, natural e procedente de São Paulo, solteira, é a primeira filha de uma prole de cinco.

Encaminhada, em fevereiro de 1997, por uma psicóloga da Unidade Básica de Saúde (UBS), para o Centro de Convivência e Cooperativa (CECCO), com o objetivo de fazer atividades.

Gislene, foi trazida pela mãe que contava que a paciente não saía de casa sozinha, que era nervosa, e que as vezes quando contrariada, ela se mordida e gritava. Passa o tempo todo atrás da mãe, “ela parece uma sombra atrás de mim pela casa”.(sic)

Ela é uma moça de pele clara e cabelos negros compridos, magra, não muito alta. Tem um sorriso e olhar iluminados. Adora se arrumar, é ela mesma que cuida de suas roupas que estão sempre impecáveis. Gostaria de estudar, aprender a ler, sair de casa sozinha, pegar ônibus. Essas e outras atividades não

são exercidas por Gislene pois sua mãe considera-a incapacitada. Ela tem um jeito simpático, amigável, tímido e aparentemente inocente. Tem a expectativa de aprender atividades comigo e de sair mais de casa. Considera a sua ida as sessões de terapia ocupacional como seu único passeio.

A mãe conta que ela nasceu de parto cesárea, sem intercorrências. Saíram juntas da maternidade. Foi amamentada até os três meses porque a mãe não tinha leite. Apresentou desenvolvimento neuropsicomotor normal até um ano e meio de idade quando ela começou a falar de maneira “estranha”, falava de traz para frente e inventava palavras para os objetos e não os reconhecia pelo nome comum.

Conta que antes disso Gislene caiu de um barranco e que após esta queda percebeu estas alterações. Além disso, estava grávida de sua segunda filha e ela constantemente apresentava inchaço no corpo, caroços, tinha febre. Levou-a ao médico, fizeram vários exames,

e não constatarem nenhuma alteração, o médico pensou na possibilidade de ser a gravidez da mãe a causa desses sintomas.

Ainda no relato da mãe, nessa época, por causa da gravidez, aos 19 anos, ela estava chorosa, sentia medo de não conseguir dividir o carinho e o cuidado para as duas filhas. "Mas quando nasceu eu vi que era possível cuidar das duas".(sic)

Conta ainda que quando chegou do hospital com Luciane, a paciente apresentou enurese noturna todas as noites, chupava a língua para dormir, "o barulho era irritante e eu passava a noite toda preocupada porque ela se engasgava com a saliva, mordida e batia no bebê, não podia deixá-la um minuto sozinha com a irmã".(sic)

Gislene brincava sozinha porque quando tinha outras crianças ela sempre queria ser a mamãe, a professora, a vendedora, e se ela fosse contrariada a brincadeira logo acabava e ela se mordida inteira.

Gislene e Luciane, quando nasceram a mãe era solteira. Moram na mesma rua que o pai e sua atual esposa. Eles namoraram aproximadamente por três anos, neste período engravidou de Gislene e Luciane. Quando o pai soube da primeira gravidez (a mãe estava com 17 anos), pediu para ela abortar alegando que não era filho dele. Romperam o relacionamento antes de Gislene nascer. Depois de um tempo houve a reconciliação, a outra gravidez e se repetem as mesmas interrogações, as mesmas dificuldades. Ele não aceitou registrá-las como filhas. Segundo ela, depois de todos os acontecimentos só não se casaram por que a família dele não a aceitava.

Com vinte e dois anos casou-se com outra pessoa, ele era separado e tinha dois filhos homens que foram morar juntos.

Desse relacionamento mais três filhos nasceram (2 homens e 1 mulher). A mãe de Gislene disse que trata os filhos de seu marido como se fossem seus filhos também.

Gislene vive com a mãe, o padrasto, duas irmãs e quatro irmãos, em uma casa simples na zona norte de São Paulo. A paciente sempre encontra com seu pai pela rua, "sente-se magoada por ele não ter reconhecido-a como filha e por ele tratar bem os filhos de seu atual casamento".(sic)

Com dois anos de idade Gislene é levada à Santa Casa, passou por inúmeras avaliações com neurologista, fonoaudiologia, psicóloga e psiquiatra. Os acompanhamentos eram esporádicos. Nunca tomou medicação. Ficou vinculada ao serviço até 15 anos de idade, quando foi submetida a uma avaliação psicodiagnóstica. Segundo a psicóloga Gislene apresentou um rendimento abaixo do esperado para a sua idade, apresentando deficiência mental moderada. Descreveu a necessidade dela ser encaminhada

para um serviço especializado, com estimulação frequente e adequada para poder desempenhar-se melhor. Sendo assim Gislene foi encaminhada para a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), a fim de receber a atenção que necessitava.

A mãe a levou mas ela não gostou do lugar e não quis mais ir. "Achava as pessoas muito estranhas".(sic)

A partir disso a mãe levou-a para acompanhamentos com psicólogas nas UBS. Segundo ela nunca houve veram profissionais interessados no caso de Gislene que os médicos diziam que ela precisaria ser cuidada por toda vida, como uma criança, não deixando-a em nenhum momento sozinha.

A mãe conta também que sentia medo de deixar Gislene até mesmo para tomar banho esse comportamento permaneceu até algum tempo depois que iniciou tratamento comigo. "Sempre me ensinaram a cuidar dela dessa forma".(sic)

Com 6 anos de idade Gislene foi matriculada na pré-escola. Refere ter sido chamada várias vezes pela professora porque ela não conseguia acompanhar as outras crianças. Sugeriram classe especial, mas a mãe matriculou-a para a 1ª série do 1º grau em escola comum.

Repetiu 4 vezes a 1ª série. Apresentava dificuldade de leitura e escrita em espelho. Com 11 anos a mãe retirou-a da escola sem ter sido alfabetizada, por que estava grande para estudar no período da manhã.

A mãe conta que Gislene viveu várias experiências nos 4 anos para ser alfabetizada. Desde professor que diziam que o seu problema era "manha", até professores que a levavam para suas casas para darem aulas particulares. "Mas todas essas tentativas foram fracassadas".(sic)

Percebo que a paciente precisava experimentar novamente uma outra possibilidade para estar na vida que, a possibilidade de comunicação já existia. Diante de uma menina tão cheia de vida, não me convenceu que a única possibilidade dela fosse cuidar das atividades de casa "grudada" com a mãe.

Marquei atendimento três vezes por semana. Iniciei no grupo de terapia ocupacional e na oficina de tapeçaria duas vezes por semana (por escolha dela).

Relato dos Atendimentoos de Terapia Ocupacional

De início Gislene, chegava nos atendimentos com um jeito tímido, sempre sorridente e disposta. Sentava-se rapidamente esperando que eu a chamasse para escolher os materiais ou que eu os pegasse para ela.

Quando algum paciente se dirigia a ela, ficava envergonhada e olhava para mim esperando que eu respondesse por ela. Com o passar de alguns grupos, pude perceber que a espera, para que o outro respondesse

ela, não vinha apenas da timidez mas sim da forma como sempre foi tratada.

Gislene não se apropriou da data do seu aniversário, do número do seu calçado, o número de suas roupas, o seu endereço, não conhecia dias da semana, os meses do ano. Todos os dias eram iguais. Ficava como espectadora do movimento, do ir e vir da família, da rua, da escola, do trabalho. Ficava o dia todo com sua mãe, ajudava nos afazeres de casa, na limpeza e no preparo das comidas. Desde comidas simples até as mais sofisticadas. Era controlada pelos olhos da mãe e por sua vez ela a controlava também, não permitindo que sua mãe fechasse a porta do quarto para dormir, ela não deixava a mãe vestir camisola e não entendia porque sua mãe dormia com um homem.

O que chamou a minha atenção é que a mãe dizia que ela não era capaz de aprender nada, que não tinha boa memória e Gislene aceitava e reproduzia o mesmo discurso. Mas mesmo não sabendo ler conseguia lembrar com detalhes das suas receitas de culinária preferidas.

Nos grupos lembrava com detalhes também das atividades já realizadas, dos comentários, das interrogações e propostas.

Fizemos no grupo, a brincadeira do jogo do rabisco, percebi que nos outros atendimentos, a paciente fazia desenhos muito parecidos com o do jogo (fig. 1,2).

Sugeri então, outros desenhos que foram aceitos e realizados.

Concomitantemente ela participava das oficinas de tapeçaria, também coordenadas por mim. Seu primeiro trabalho foi um tapete para seu quarto. (fig. 3)

Pensamos juntas nas cores, no tamanho e no desenho do tapete. Foi extremamente prazeroso vivenciar com Gislene esse processo. Aprendeu os pontos com facilidade, me dava sempre a sensação de que cada carreira era construída com muito prazer, em nenhum momento se mostrou irritada, nervosa, desacreditada, desmotivada, com sentimento de impotência. Estava sempre empenhada em aprender cada etapa da atividade.

Sinto que esse processo foi crescente a medida que ela foi confiando mais em mim. Algumas vivências foram facilitadas a medida em que pude adaptar o meio para que Gislene pudesse construir a sua história comigo.

Aos poucos ela começou a levar atividades para fazer em casa. Apareceram várias propostas da família, para comprar o tapete mas ela não aceitou. Sentiu-se orgulhosa em chamar a atenção dos familiares. A minha proposta neste momento era de dar possibilidades para que o dia a dia dela deixasse de ser ocupado apenas por atividades de casa.

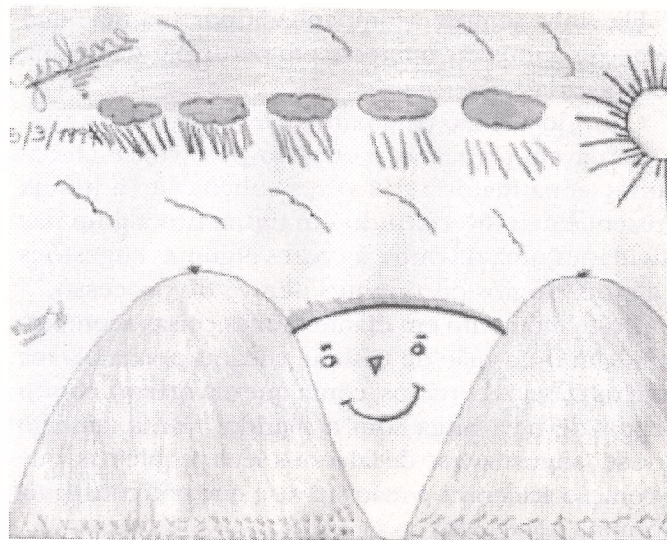


Fig. 1: Menino Sol

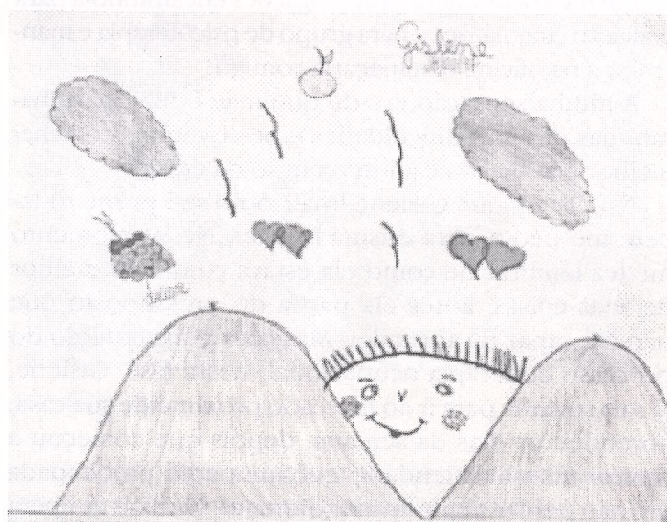


Fig. 2: Luciane

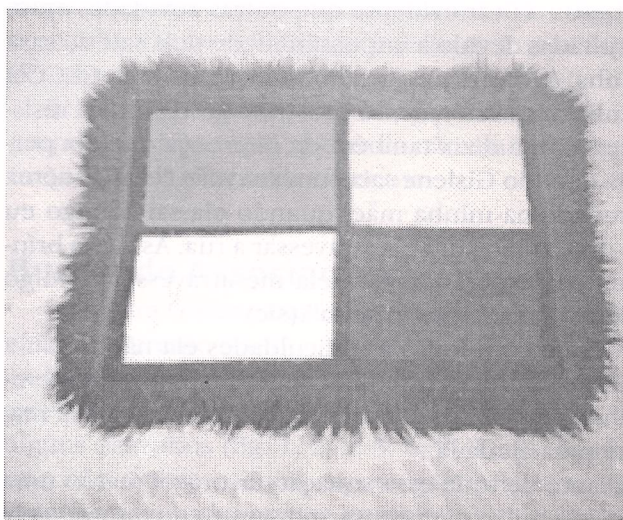


Fig. 3: Gislene

Ela vinha sempre acompanhada por sua mãe que começou a mostrar interesse em participar da oficina de tapeçaria.

Convido-a então para participar dessa oficina.

Sentavam próximas e quando possível se ajudavam mas na maioria das vezes solicitavam a minha presença não interferindo em momento algum nas atividades uma da outra às vezes algumas sugestões e alguns elogios pertinentes dentro do processo.

Deste momento em diante muitas coisas aconteceram. Um dia a mãe de Gislene chegou para a oficina com os cabelos cortados, conta que ela mesma cortou depois de uma briga com o marido. Conta também que se “angustiava só de falar dos seus problemas, que o coração acelerava, a mão suava e que não conseguia dormir a noite”.(sic)

Pude perceber o quanto a mãe também precisava de uma assistência.

Em meio a inúmeras interrogações encaminho-a para avaliação psiquiátrica e para grupo de psicoterapia e mantenho-a na oficina de tapeçaria comigo.

A minha sensação era de que mãe e filha partilhavam das mesmas dificuldades e neste momento achei melhor a avaliação e a intervenção da equipe.

No dia em que Gislene finalizou o seu primeiro tapete me pediu para ensiná-la a ler. Nesse momento me fez lembrar de como ela estava cuidando melhor de suas coisas; antes ela partia do pressuposto que não era capaz de aprender. Mas com a sustentação do processo de terapia ocupacional, nessa fase, Gislene, já saía sozinha para ir ao mercado próximo de sua casa, aprendeu os dias da semana, depois que começou a marcar em um calendário que me pediu preocupada em não perder nenhum atendimento. Marcou também as datas de aniversários dos familiares e do grupo. Era sempre ela que lembrava primeiro dos aniversariantes do mês. A partir daí passou a lembrar-nos.

Passou a ficar evidente que outras atividades eram dificultadas devido a impossibilidade dela sair de casa sozinha. A irmã dizia que ela era capaz de ir ao CECCO sozinha, mas sua mãe, se mostrava ainda muito resistente. A irmã dizia também da diferença que ela percebia quando Gislene saía com sua mãe “ela fica aérea e grudada na minha mãe, quando ela sai comigo eu não dou a mão para ela atravessar a rua. Às vezes brinco na rua esperando que ela me atravesse. Comigo Gislene está sempre esperta”.(sic)

Mesmo com todas as dificuldades ela não faltou a nenhum atendimento. Sinto que a família se desempenhou ao máximo; cada um deles colabora a sua maneira para ajudá-la.

Diante de toda essa situação favorável marco uma reunião familiar para pensarmos juntos no retorno dela para a escola.

Nesse momento a mãe de Gislene começa a procu-

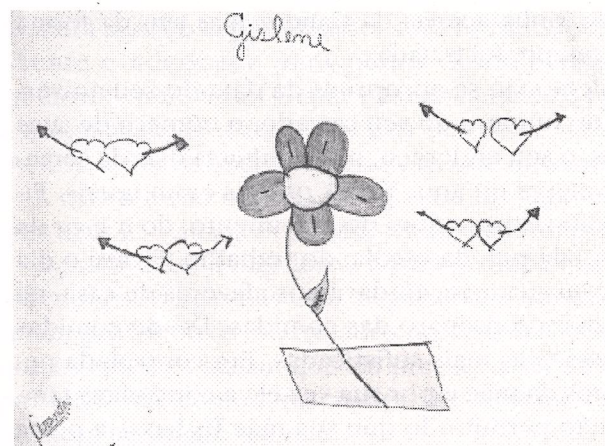


Fig. 4: Amanda

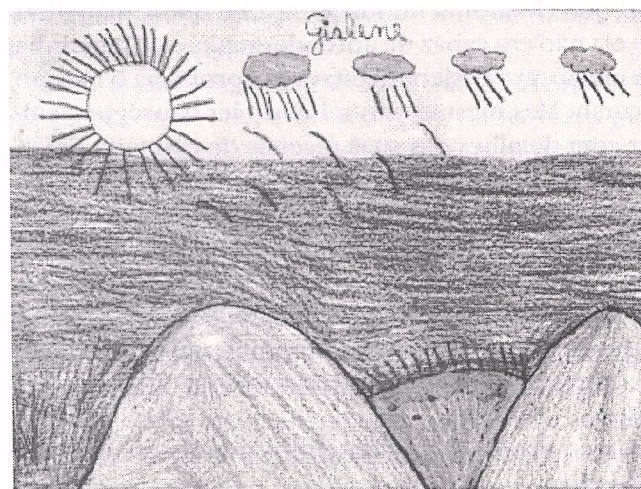


Fig. 5: Rafael

rar emprego como empregada doméstica, segundo ela não por causa do dinheiro mas sim para sair mais de casa, e a única coisa que avaliava fazer bem era arrumar casa.

Compareceu a reunião Gislene, sua mãe, sua irmã com 17 anos, seus dois irmãos mais novos Rafael com 9 anos e Amanda com 7 anos.

Levantaram várias questões como por exemplo: falta de limites da família com relação aos parentes que moram no mesmo quintal dificultando os estudos de Rafael, Amada e Luciane, dificultando conversas e até brigas entre eles. Trouxeram também o desejo de Gislene voltar a estudar.

Luciane (a irmã), mostrou interesse para ensiná-la a ler em casa desde que ela aceitasse, porque já tentou outras vezes mas Gislene ficava nervosa.

A mãe contou do seu relacionamento com sua genitora (a avó da paciente), “Ela me prendia dentro de casa e até hoje eu tenho dificuldades para sair sozinha. Passava a maior parte do tempo com ela cuidando dos serviços de casa. Só para vocês terem uma ideia: quando você marcou a triagem de Gislene eu pensei

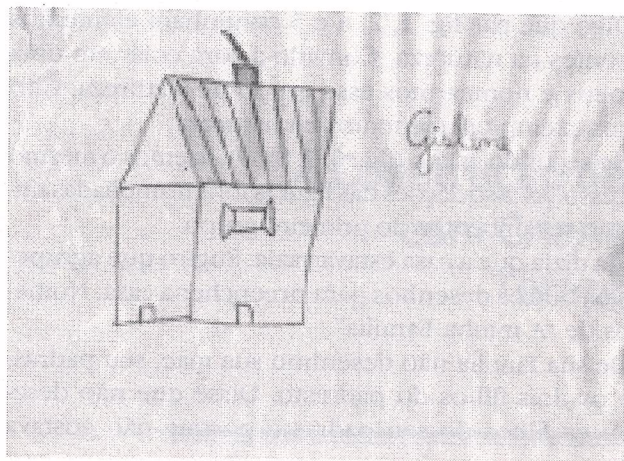


Fig. 6

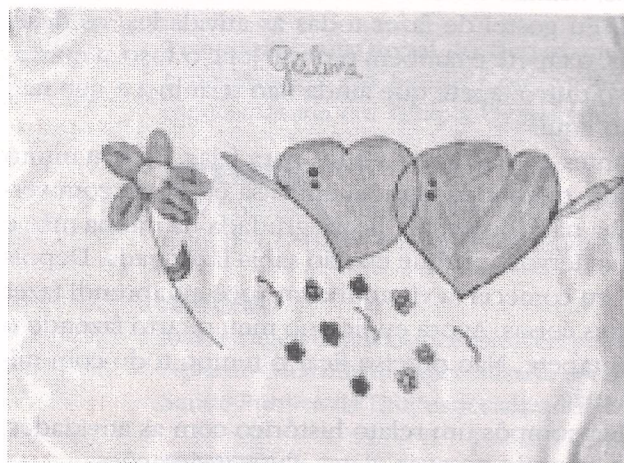


Fig. 7

várias vezes em não vir de tanto medo que eu tinha de sair de casa. Hoje quando olho para as minhas atividades e as de Gislene enfeitando a nossa casa me sinto mais forte e sei que se eu desistisse antes de ver pelo menos do que se tratava perderia a possibilidade de experimentar prazeres por exemplo como esse de ver as atividades além de ver a melhora da Gislene".(sic)

Dessas reuniões que fiz juntamente com a psiquiatra que também atende a mãe de Gislene foi preciso medicar Rafael que apresentava fortes dores de cabeça todos os dias, sonambulismo, irritabilidade.

Montamos cronogramas de todas as atividades da família horários de estudos incluindo os de Gislene, de brincar, de dormir, de passear.

Houve por parte da própria paciente o pedido para vir sozinha aos atendimentos mas ainda estamos negociando devido ao medo da mãe.

Esta arrumou emprego em casa de família para trabalhar duas vezes por semana. Com seu primeiro salário, reuniu seus filhos e foram a uma pizzeria comemorar. Essas mudanças causaram estranheza ao marido principalmente quando ela apareceu com a proposta de retornar aos estudos.

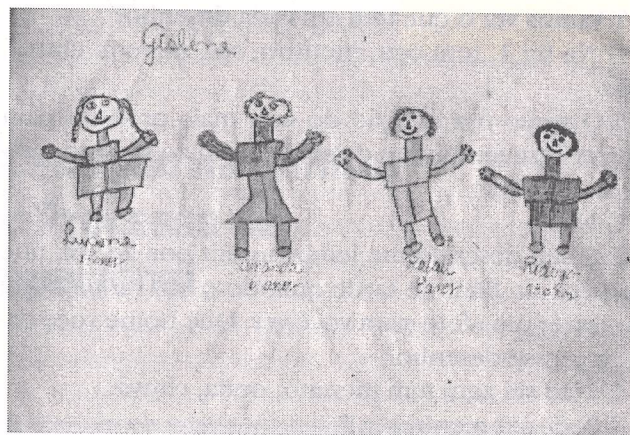


Fig. 8

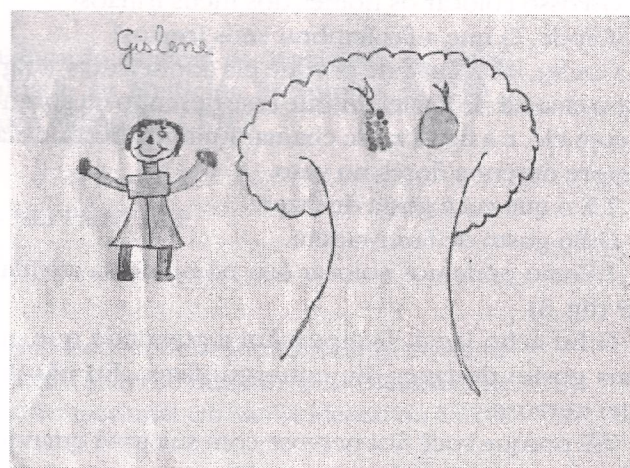


Fig. 9

Gislene não conseguiu vaga na escola mas tem como proposta contratar uma professora particular.

Sinto que aos poucos as perspectivas da família se ampliaram para fora da instituição.

Atualmente Gislene vem uma vez por semana. Participa do grupo de terapia ocupacional e da oficina de tapeçaria. Os atendimentos familiares foram espaçados para duas vezes por mês.

A mãe dela continua na oficina de tapeçaria e no grupo de psicoterapia apesar de não manter a mesma frequência da oficina de tapeçaria.

Buscando Associações

Pedi para Gislene trazer todas as atividades que ela realizou durante o ano.

Espalhados pela mesa pedi que ela selecionasse os que mais gostou de fazer. Escolheu o tapete (fig. 3) e alguns desenhos (fig. 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8 e 9). Lembrou que não trouxe o outro tapete que estava em andamento mas o incluiu nesse grupo.

Pedi para que ela escolhesse os mais bonitos. (Fig. 1, 2, 3, 4, 5)

T:Vamos ver o que tem em cada desenho?

G:Na fig.1, tem céu, menino, sol, nuvem, chuva, onda.

T:O verão é a estação do ano mais propícia para ocorrer esse fenômeno de sol e chuva ao mesmo tempo. Você já viu?

G:Não.

T:O seu desenho me lembrou um por do sol, que acontece no final de tarde quando o sol vai embora; vou trazer uma foto para você ver. Que nome você daria para esse desenho?

G:Não sei aqui tem menino, onda, chuva...

T:Pode ser menino sol?

G:Pode.

T:E os outros?

G:Posso colocar os nomes dos meus irmãos?

T:Pode. O que a faz lembrar seus irmãos?

G:A fig. 2 é a Luciane porque ela adora frutas, a fig. 5 vou chamar de Rafael porque esse desenho eu aprendi com ele, e a fig. 4 vai se chamar Amanda porque ela sempre desenha flores no vaso.

T:E o que você gosta de fazer?

G:Eu gosto de fazer tapete.

T:Então podemos colocar seu nome nessa atividade? (fig. 3)

G:Eu acho legal. O tapete foi a atividade que eu mais gostei de fazer. Eu consegui fazer. Eu não fiquei nervosa.

T:E porque você fica nervosa com sua irmã quando ela está passando lição para você?

G:Eu não sei. Mas agora eu não fico mais nervosa.

T:Vamos ver o que tem de parecido nos desenhos.

G:Descreveu as figuras dizendo o que tinha e o que não tinha em cada uma.

Digo que nas fig. 1, 2, 4 e 5 continham elementos existentes na natureza. Convido-a para colar em uma cartolina e nomearmos esse grupo de Natureza. Cito outros exemplos que temos na natureza.

No segundo grupo (fig.: 6, 7, 8 e 9), fizemos o mesmo processo. As associações das figuras foram ampliadas utilizando-se também as do primeiro grupo.

Ela dizia que a casa estava vazia. Sugiro que agrupemos os outros desenhos para preencher a casa. Nomeamos de "A minha Família".

De sua família não desenhou sua mãe, seu padasto e os dois filhos do padasto. Disse que não desenhou os filhos do seu padasto porque não gostava deles.

Chamo sua atenção para os tamanhos de seus irmãos, ficaram todos do mesmo tamanho.

G:Eu gostei de fazer todas as atividades, os desenhos, o tapete e também o porta jóia, o vaso, a máscara e o outro tapete que ainda não terminei e que não estão aqui.

Antes eu não abria a boca para falar. Eu sou muito tímida, quando ia alguém em casa eu ficava com vergonha não conversava ficava grudada na minha mãe e ficava nervosa porque eu não sabia fazer nada. Depois que eu comecei a vir aqui com você eu aprendi fazer muitas coisas. Agora eu fico no meu quarto fazendo o meu tapete. Não preciso ficar o tempo todo com minha mãe.

Ela compôs um relato histórico com as atividades, relacionando pessoas, datas, fatos e situações.

Uma história que de dentro para fora do setting da terapia ocupacional, fez de fora para dentro, no uso de atividades, trilhas que construíram novos caminhos não só de Gislene, mas de toda a família.